

O SENTIDO DA HIERARQUIA MILITAR E DA DISCIPLINA

Cel. JOÃO FERBOYRE VASCONCELOS FERREIRA

(Palestra proferida no CPOR de Fortaleza)

TEMÁRIO

- O sentido da hierarquia militar e da disciplina
- O papel da juventude no momento atual
- Democracia e seu conceito
- Falsas doutrinas sociais e perigo de sua infiltração nas Forças Armadas

Não posso esconder a honra que me cabe, neste momento, de falar à juventude do CPOR, atendendo a um gentil convite de seu Comandante, que se ateuve, evidentemente, mais a um protocolo de amizade que nos aproxima do que aos méritos de um velho soldado, cuja preocupação lógica, depois de 35 anos de serviço, seria a de retirar-se para trás dos bastidores sem tentar a insensatez de transmitir experiências sobre idéias, por palavras.

Falo assim, porque cada idéia só tem vida na dinâmica individual, se tiver uma repercussão sensitiva, se estiver impregnada de um subjetivismo obtido no trato com ela, onde, mente e idéia acertaram um acôrdo de conviver pacificamente e houve um compromisso bilateral e voluntário de se acreditarem mutuamente. O criador, mais uma vez, tem de amar a sua criatura e não aceitá-la, apenas pela sua lógica. Do contrário, a idéia passará a enriquecer somente o patrimônio da inteligência. Como os senhores já devem ter desconfiado, a inteligência é nada mais do que um

instrumento humilde, um meio e não um fim, e, as idéias que por elas transitam, funcionam como processos inertes se não receberem os impulsos da emoção que empolga a idéia, a arrasta e a lança já como força criativa no grande redemoinho da vida.

Embora haja denunciado, de antemão, essa manobra de gentileza, não se vá subentender o meu desconhecimento da responsabilidade de falar-vos, líderes do futuro que sois, para trazer-vos senão uma lição ordenada, pelo menos uma experiência, inexpressiva, talvez, (vamos denegri-la mais), tumultuada pelos contactos com vários setores da vida onde mergulhei, com curiosidade quase infantil, a fim de descobrir os parentescos entre idéias e fatos, seus designios suas direções, tentando aclarar-me a visão, para concluir acacianamente que os fatos são a única coisa que nos é permitido observar, boiando à superfície de causas profundas e imperscrutáveis.

O temário que me foi distribuído de natureza social, torna mais difícil a ordenação das observações

porque não foi sem razão que Comte capitulou-o em último lugar na sua classificação baseada na complexidade crescente da ciência.

Se não temos a sabedoria de entendê-lo na sua essência, como é óbvio, vamo-nos armar de uma sensibilidade social para tentarmos uma interpretação construtiva, uma espécie de corpo a corpo com os fatos sociais, para ajustarmos os conceitos de modo a não traírem as finalidades maiores da existência, que são postulados, sob a forma de opiniões e crenças, altamente dinamizantes, verdadeiros batentes nos quais o indivíduo se assenta, como diz a melodia popular "para ver a vida passar". Sem êsse pressuposto de opiniões e crenças e sem uma interpretação profunda dos fatos humanos, a mente humana não tem condições de ficar idêntica a si mesma, face às mutuações, aos choques, decepções e desenganos, cadinho de provas onde se acrisola a personalidade.

Na área das chamadas ciências sociais, hoje subdivididas num sem número de especialidades, só uma inteligência volumétrica, o que é um paradoxo, poderia abranger êste vasto poliedro sintetizado pela sociedade humana. Digo paradoxo, porque a inteligência é um instrumento de superfície, que fica de fora dos fatos, observando, pesquisando, comparando, associando para descobrir as relações externas entre os mesmos, que são as leis.

A caravana estranha dos fatos sociais, cuja complexidade vem desafiando a argúcia dos pesquisadores, passa por nós, quase sempre indefinível e é preciso muita pureza científica para não atribuir a êles nossas intenções pessoais

apriorísticas, fazendo um mundo à nossa imagem e semelhança.

Da dificuldade de entendê-los, surgiram um sem número de belas visões particularistas do fenômeno, como aquela história do apólogo indiano do elefante, onde cada um dos observadores só percebia um detalhe do elefante.

Assim, cada conclusão sobre a observação de uma faceta do vasto poliedro embora real é distorcida porque o elefante não é só dentes, tromba, corpo e patas.

É tudo isso ao mesmo tempo. O jeito é trazer-mos a sociedade para dentro de nós mesmos, marchando de uma compreensão individual da vida para uma compreensão social, quando servi-la é servir a nós mesmos, quando crescer é nos identificarmos com ela, aceitando como postulado o ideal da fraternidade que realiza sem conhecimento e sem pesquisa todos os problemas sociais.

Hoje, essa tentativa pertence ao campo da metafísica religiosa, porque religião num "lato sensu" é fraternidade e os diversos credos, caminhos mais ou menos hábeis que nós escolhemos para a assimilação intuitiva do complexo social.

Temos fé que a humanidade do futuro gozará dessa sabedoria interior e que o misterioso elefante aparecerá a todos nós na sua unidade legítima.

Enquanto lá não chegarmos, é lógico que teremos de montar andalme sob a forma de hipóteses e tentativas, sob a forma de verdades provisórias ou verdades-anteparo, dentro das quais nossa mente possa operar com objetividade.

O tema da nossa palestra faz parte do grande conjunto das ver-

dades-anteparo e seus títulos se destacam neste quadro mural:

— O sentido moral da hierarquia militar e da disciplina;

— O papel da juventude no momento atual;

— Democracia e seu conceito;

— Falsas doutrinas sociais e perigo de sua infiltração nas Forças Armadas.

Como os Senhores vêem, devo ser um rapsodo para cantar trechos esparsos de vastos poemas, porque cada um desses títulos poderia ser estendido indefinidamente.

Isso me facilita a tarefa sob o ponto de vista de motivação, porque a cada mudança de cenário, mergulharemos num mundo aparentemente novo, gravitando todos eles em torno do conceito social: educação, diversificado sob o ponto de vista militar: hierarquia; individual: posição do jovem no mundo; e político: democracia.

Caros jovens — Usei a imagem do rapsodo, divulgador dos versos heróicos na antiga Grécia, para me dar a liberdade de não fazer ciência e sim de fazer a poesia da ordem que é o conceito básico da educação e, poderíamos estender com segurança, que é o conceito básico de Universo.

O que é a ciência senão a pesquisa da ordem nos fenômenos externos a nós e a sua formulação sob a forma de leis?

O que é a beleza senão a ordem dos sons, das idéias, das formas dos movimentos, das cores, dando corpo à música, à poesia, à dança e à pintura?

O Exército participa desse propósito universal e na sociedade nossa, ainda gregária, para não di-

zer com convivência precária, êle vive plenamente a letra da nossa constituição, no seu título VII que lhe confere a elevada missão de defender a Pátria, a Lei e a Ordem.

Não poderia atingir objetivo tão amplo senão procurasse estruturar-se numa armadura que o realiza como instituição — a hierarquia militar. Para dar vida a essa estrutura existem dois princípios condicionantes: a disciplina militar, a parte material da estrutura e a moral militar, a parte espiritual da estrutura.

A disciplina modela a ordem externa: atitudes, pontualidade, uniformes, compostura.

A moral militar pretende mais.

Pretende levar ao militar uma ordem interna pela aceitação de uma doutrina moral, um modelado de opiniões e crenças do grupo social — Exército que permite o florescimento dos sentimentos intrínsecos do grupo: coragem, lealdade, senso de responsabilidade, respeito à palavra dada, respeito à autoridade, ou seja, a aceitação consciente da hierarquia como uma necessidade do grupo para operar seus objetivos de ordem.

Alarga-se a moral militar em interpretar a própria disciplina que perde a feição de sujeição para funcionar como princípio de ordenação das diversas peças da máquina militar, que vivem solidárias num único conjunto real: O Exército. Como aprendizado da ordem, a disciplina exercita a vontade individual contra a dispersão, vigoriza os hábitos que se transformam em automatismos salutareos para o funcionamento pleno da máquina.

É lógico que nesse dual, a moral militar é o princípio dinâmico e a

disciplina o princípio estático e nada adiantará ao Exército atitudes corretas e pontualidades precisas se o militar não estiver imbuído dos objetivos que defende e qualquer provocação da ordem defendida descobriria o fundo falso de uma coletividade que não sabe e que não ama as suas finalidades.

A ordem convencional nunca pode substituir o ímpeto interno que faz de um homem um guerreiro quando êle acredita na justiça da sua causa, na utilidade da sua parcela de cooperação e na convivência ampla que êle tem com o todo nacional, sem o que êle se sentiria uma tropa de ocupação. Porque o que existe é o Brasil, ao qual prestamos nossa colaboração integrada com outros esforços nacionais, o que existe são os objetivos, permanentes, de Nação que desfilam como aspirações subjetivas do grande grupo Nacional do qual somos parte, objetivos formulados numa única sentença: o bem-estar do povo brasileiro.

— Bem-estar, luta contra o subdesenvolvimento e contra a pobreza;

— Bem-estar, manutenção da soberania nacional sob todos os aspectos;

— Bem-estar, exercício das liberdades democráticas;

— Bem-estar, oportunidade de crescimento cultural artístico;

— Bem-estar, projeção dos grandes valores espirituais da Nação, na vida social;

Conclusões:

— O imperativo de manter a ordem justifica a criação das Forças Armadas;

— A sua criação exige a armadura de uma hierarquia que a estrutura;

— A hierarquia se exerce sob os princípios da disciplina e da moral militar;

— A disciplina é o corpo da hierarquia e a moral é o espírito. Uma dá forma, outra dá sentido;

— A comunhão com outros grupos sociais da Nação, dá ao Exército o seu sentido social, isto é, dita a filosofia da sua convivência dentro do complexo nacional, onde êle se irmana, se identifica e se integra para participar de um único impulso legítimo — o bem-estar do povo brasileiro.

Caros jovens — Passemos ao 2.º ponto do nosso Temário —

Papel da juventude no mundo atual.

Valôres da civilização ocidental:

— Valôres — Processos:

— Liberdade

— Justiça social

— Individualismo

— Nacionalismo

— Valôres históricos:

— Cristianismo

Bandeira — Fraternidade.

A circunstância, no momento atual, obriga-nos a uma pausa para procurar esboçar as características de nossa sociedade, dentro da qual o caso particular brasileiro e a própria época, século 20, são simples acidentes.

Já dizia Toynbee que as unidades inteligíveis do estudo histórico são as sociedades e não as nações e as épocas.

Assim sendo, para entender uma época devemos procurar entender a sociedade que compõe o seu qua-

dro humano, o tipo de civilização que ela está exercitando.

A época é assim representada pela civilização em curso. Civilização que molda os indivíduos e grupos através de um comportamento social preconizado.

A civilização não é caracterizada pelos seus instrumentos de técnica. Dizer que nossa civilização é tecnológica não dá nenhum entendimento de processo interior que a movimenta.

São os valores correntes que estruturam o conteúdo de uma civilização. Por sua vez a civilização é uma reação em cadeia que se perde na profundidade dos séculos passados. Como uma pirâmide de ensaios que se negam e se revigoram, uma civilização se assenta no ápice, sobre uma base larga das experiências de várias civilizações.

As civilizações tendem para a unificação. Toynbee, contudo ainda distingue, no mundo atual, 5 civilizações: Cristã Ocidental, Ortodoxa, Islâmica, Hindu e Extremo Oriente.

O estreitamento dos laços culturais entre os povos, a diminuição do mundo pelo aperfeiçoamento dos transportes e comunicações há de condicionar, pensamos, a fusão dessas 5 civilizações numa só. Não de persistir ainda as civilizações fósseis que ficam a exemplo do que ocorre com o modelado geológico, como civilizações-testemunhas, com valores que deixaram de circular porque eram apenas respostas a estratificações de sociedades fechadas em preconceitos de religião, raça ou côr, sem consistência face a um exame mais universal e positivo. Ou podem insular-se quando os valores correntes representam resíduos de civilização sem nenhuma

possibilidade de comungar com a atual gama de valores. Por nossa vez, pertencemos à civilização ocidental que se filia à civilização greco-romana.

Embora a civilização seja definida por valores certos, há no transcurso dos séculos e às vezes por imposição de geografias diferentes, uma exacerbação de alguns desses valores, retratando uma época ou área.

Uma civilização é assim estruturada em seus valores correntes.

Não deixa de ser um atrevimento nosso, procurar levantar em um estudo esquemático como este, os valores que conceituam nossa civilização. Posso ser condenado de estar fazendo uma tentativa de interpretação da História, fora da História, na expressão de Ortega y Gasset. O renomado escritor registra o anseio universal por uma interpretação histórica da História no atual século e critica a tendência do século 19, em que parecia obrigatório deduzir o histórico do que não é histórico. E comentando continua: "Hegel descreve o desenvolvimento dos sucessos históricos como resultado automático da dialética abstrata dos conceitos; Buckle, Taine e Ratzel derivam da geografia; Chamberlain da Antropologia; Marx da Economia. Todos esses ensaios supõem que não existe uma realidade, última e própria historicamente histórica."

Denunciamo-nos, aqui, que somos partidários de um providencialismo moderado, ou seja, de um sentido interior que movimenta a História sempre para cima e que para manifestar-se escolhe os instrumentos mais sensíveis ao processo a ser desencadeado, embora sofra a in-

tervenção da Geografia, da Antropologia e da Economia, em suma, dos fatos pertinentes às áreas, grupos e épocas, os quais retardam ou tonificam aquêlê sentido interior. A nosso ver, Hegel, de todos os citados, foi quem percebeu essa dinâmica espiritual da História, mas para fugir do teológico procurou com sua razão o complexo casual dos acontecimentos e encontrou um teto de idéias puras, com comportamento dialético cuja síntese é a mesma que preconizamos: um princípio ideal independente dos fatos e crescendo a despeito deles ou com eles.

Os fatos se passam como se fossem comandados de fora, apesar de se ligarem por relações causais.

Descendo dessa cúpula da filosofia da História para o embate mais real das forças em presença, já esclarecemos que a época exacerba um determinado valor que passa a ser a tônica do século.

São valores-processos, valores intermediários, valores-degraus, adaptação do ideal ao possível. Os fenômenos da civilização humana são seres. Respiram, isto é, ensaiam a sua realização, recuam e fazem novos avanços e repetem a operação até se incorporarem à história como realidade viva e contínua.

Nós dizemos que eles pulsam, amadurecem e eclodem. Realizam-se através do instrumento mais hábil para determinar sua eclosão. Quem pesquisasse na antevéspera da Revolução Francesa, não poderia diagnosticar a série de eventos dramáticos que estavam prestes a surgir. O fenômeno igualdade política e valorização da pessoa humana, altamente ensaiados nos séculos transatos, instrumentam-se nos "Sans-

Culot" contra uma realeza aparentemente robusta e onipotente. Impôs-se o conceito com uma conquista de ascensão humana. A justiça social eclodiu como idéia-massa no seio de um povo culto: teto social adequado, através dos seus instrumentos mais humildes: força da idéia interpretada impondo sua própria eclosão.

Após a revolução houve nova parada, um *stacato*. Em termos de dinâmica social, podemos concluir que as encíclicas e os ensaios dos pioneiros sociais, no século 19, viveram apenas como lampejos de almas insuladas. Faltava-lhes um teto social de comunhão de consciências para reproduzir aquela apoteose de tormentas e raios da revolução francesa. Carecia o trabalho daqueles iniciados da integração com o "total social" da civilização do Ocidente de que nos fala Soroski que daria aos valores o salvo-conduto para seu livre trânsito na sociedade. O clima de pós-guerra facultou condições para que se pensasse mais seriamente sobre a justiça social. Embora o comunismo queira assumir a paternidade, foi uma eclosão por amadurecimento do fenômeno. Transformou-se no grande valor do século 20. Hoje esses dois valores, liberdade e justiça social, formam o binômio forte da história do século XX.

Geometrizando meu pensamento para terminar, acredito que existem em cada civilização dois tipos de valores: valores de História e valores-processos. Os valores da História imutáveis são assintotas de luz, tangenciando os princípios sagrados de Cristo e balizando a senda da civilização humana. São irrecorríveis e sua meta é o entendi-

mento universal, a fraternidade e a violação de tôdas as fronteiras.

Os valores-processos ou valores de civilização são tentativas para conduzir a sociedade ao sentido histórico e representam para cada povo e para cada época o máximo de evolução possível.

Podem aparecer, às vêzes, divergentes do sentido histórico, mas são sempre forças vigorosas que impulsionam a grei humana no seu longo caminho de experiências. Assim temos presentemente, um ensaio dos dois valores-processos, liberdade e justiça social a par de valores que se vêm universalizando pela sua humanização como o individualismo e o nacionalismo. Diante dessa exposição é fácil concluir o papel da juventude do século XX: cultivar os valores históricos da civilização ocidental cuja síntese é o cristianismo e exercitar os valores-processos do século:

— A liberdade enquanto considerada como um exercício necessário para o crescimento e pujança da consciência individual;

— A justiça social que congrega os grupos;

— Aperfeiçoar o individualismo como força de estímulo para o engrandecimento da pessoa humana;

— Cultuar a Pátria como treinamento para a convivência de trabalho e sentimento dentro de grupos sociais heterogêneos que convergem sobre o mesmo objetivo. Em resumo, a juventude deve viver historicamente, se quiser escrever história, isto é, se quiser ser incorporada como força válida no processo evolucionário da civilização ocidental, a que pertencemos. Esta civilização vem procurando cada vez mais se ajustar aos mol-

des históricos, os quais, conforme nosso pensamento, já expresso, vivem fora da civilização como um imperativo de evolução.

Poderia acrescentar o toque religioso — o nome DEUS — o qual não submergiu mesmo durante os mais duros vendavais do individualismo e da descrença. Tomou às vêzes a forma do valor-anteparo, como a Humanidade de Comte, em que aquêlê gigante do pensamento francês, pelo horror à metafísica, trouxe Deus mais perto para poder vê-lo. Não é completamente irreal a substituição de Deus pela humanidade, pois segundo diz o apóstolo São Paulo todos nós somos deuses.

Ou tomou Deus a expressão do processo social e técnico porque para nós que acreditamos na imanência divina tôda a grandeza de qualquer tipo é um afloramento da divindade.

O que deve ficar dessas disposições religiosas é uma fé gigante na grandeza dos destinos humanos que são nossos destinos soldados uns aos outros para sermos felizes, porque a felicidade é um conceito social e ninguém vá me dizer que o hedonismo, o utilitarismo, fugas do indivíduo, realize algo de durável mesmo para o indivíduo.

Donde é impossível educar a mocidade a título conselheiral apenas para que ela não tropece, quando se deve credenciá-la para a grande luta do século mesmo tropeçando, de forma que ela participe, às vêzes agressivamente a seu estilo de energias impetuosas, do processo incessante do tornar-se social como uma experiência necessária, para que está fadada a dirigir os destinos da sociedade nos setores técnico-profissionais, sociais e de li-

deranças, como homens a quem vamos passar os bastões.

Temos de confessar com alguma amargura que as nossas lideranças falharam.

Se se fizer a diagnose dessa falência que tanta repercussão teve sobre vós, poderíamos sintetizar como o hábito delas de raciocinar inorgânicamente, dissociando o instrumento de pesquisa — a inteligência — da realidade nacional. Isso abandonou 52% da população, abaixo de 18 anos, a um sistema educacional — salve-se quem puder — onde os jovens disputam seus títulos de ingresso na vida, numa verdadeira tourada que lhes acirra a valentia mas que lhes desestimula a solidariedade social.

E como a convivência social é o treino mais precioso para a formação das equipes de trabalho, esperamos de vós, líderes do futuro, a meditação sobre o problema da educação como a preocupação primária e infra-estrutura universal para qualquer grandeza e desenvolvimento. Tentar o seu equacionamento em bases sensíveis para que as juventudes que vão vos suceder sintam o vosso empuxo benéfico e soldem esses dois estágios biológicos — juventude e velhice — numa unidade vigorosa. Eles precisam andar sempre juntos porque se completam, uma espécie de direção e força que fará o comboio marchar mais arrumado e mais rápido para as finalidades nobres do bem-estar do povo brasileiro.

Conclusões gerais do século:

1 — O valor histórico da civilização ocidental é o cristianismo sô-

bre o qual se erguem as duas grandes expressões processuais:

- Liberdade
- Justiça Social

2 — Os outros valores-processos da civilização são: o individualismo que estimula o crescimento da pessoa humana, e que tende a desfigurarse, condenado como força de reação histórica à mensagem do século: justiça social.

3 — Dentro da coletividade, o individualismo assumiu a forma de nacionalismo.

4 — Este nacionalismo está evoluindo para um continentalismo de blocos ideológicos, dentro dos quais as pátrias caminham para a feição de áreas com autonomia administrativa, sem ocorrer aquêle antigo processo absorvente dos séculos passados, por parte dos centros dos sistemas — as antigas metrópoles, hoje nações líderes, cuja ação agora se resume no poder de gravitação política e econômica regulada por acórdos e tratados.

5 — Como consequência, vive-se intensamente a experiência de assembleias internacionais, abrangendo regiões ou o mundo. Isso implica num reconhecimento, sem ferir a autodeterminação, por parte das nações de uma necessidade de harmonizar os seus interesses, por um denominador comum, que, embora difícil de formular, vem sendo tentado com persistência.

Conclusões particulares:

— A mensagem da mocidade só pode ser buscada dentro dos próprios valores históricos da civilização cristã e sob os valores-processos do século XX:

Exaltação de cristianismo, como uma grande direção da vida.

Exaltação dos valores-processos:

— Liberdade como conceito dignificante da pessoa humana;

— Justiça social como dignificação da vida coletiva;

— Culto aos valores individuais, como engrandecimento das células individuais da sociedade;

— Culto ao nacionalismo como preocupação para o lado de fora do indivíduo, donde a juventude descortinará o panorama de uma pátria num concerto de várias pátrias tódas independentes, girando num círculo maior do continentalismo que se aperta na visão de um continente único — a humanidade.

Caros camaradas:

Examinemos o 3.º ponto proposto:

Democracia e seus conceitos — Falsas doutrinas sociais

— Características:

— Voto

— Lei e justiça

— Rotatividade do poder

— Multiplicidade de partidos

— Comunismo — Totalitarismo

— Bandeira — Liberdade

O tema é para jurista. Vamos apreciá-lo empiricamente e procurar traçar o seu rumo dentro do conceito das ideologias políticas existentes, particularmente face ao comunismo, cuja força incontestada no mundo moderno lhe dá destaque realce.

Poderíamos sistematizar as formas de governo em dois grandes grupos — governo da maioria ou democracia ou governo da minoria ou autocracia.

A autocracia tem seu nome de guerra: totalitarismo, da direita ou da esquerda. Como disse Gurian a

respeito do hitlerismo êle foi um bolchevismo pardo. Ambos se parecem. A sua distinção reside em parte na maneira de conceber a luta de classes e de realizar a harmonia social, como observa Ives Simon. Trocam um presente de sofrimento por um futuro radioso, sendo que o comunismo faz sua autocritica prometendo a seus seguidores o completo aniquilamento do Estado, o que nos parece uma utopia. Admite "a priori" que o Estado é opressor.

Essa rápida vista sobre o totalitarismo vai dar luz ao estudo do conceito democracia.

Poderia acrescentar o aspecto monolítico do regime totalitário, com um único partido, sem possibilidade de discrepância ou de mudanças dando ao poder oportunidade para a sua tendência natural de hipertrofiar-se até a tirania e a opressão. Qualquer processo de evolução passa a ser necessariamente revolucionário, enquanto a democracia admite a evolução da livre concorrência dos partidos operando a chamada revolução pelo voto. Democracia, no sentido clássico é aquêle anunciado por Lincoln: Governo do povo, para o povo e pelo povo. Filho do liberalismo clássico levantou-se como uma reação ao absolutismo e teve a sua apoteose na Revolução Francesa que marcou o seu eclodir em termos universais.

Não é que antes disso não tivesse pontilhado a vida da humanidade uma vez que gregos e romanos já haviam feito sua experiência democrática.

A magna carta (1215) foi a proclamação que reinaurou a ideo-

logia para submetê-la a uma fermentação de 500 anos.

O seu "habitat", contudo, foi o século 19 que foi também o século do esplendor do individualismo: liberalismo econômico do "laissez faire", liberalismo político que ratificou o colonialismo e o expansionismo, liberalismo religioso acarretando a queda do poder religioso no mundo, substituindo-o pelo dogma da ciência, no setor de técnica e pelos dogmas sociais da liberdade e justiça social.

Sendo a democracia, filha do Direito Natural, reconhece por definição a igualdade de direito de todos os homens.

Surge como corolário o respeito à dignidade da pessoa humana, às liberdades fundamentais do homem e a condição de que o Estado existe para o homem e não o homem para o Estado.

Para exercício efetivo desses direitos a justiça desponta como uma atividade substancial do regime, sem a qual ficam sem representação objetiva o diálogo — cidadão X cidadão e cidadão X Estado. No século XX ela se desfigurou (é um termo pessimista) pelo poder crescente do Estado testando a sua legitimidade quanto à investidura dos governantes e legitimidade quanto ao desempenho das atividades governamentais, nos moldes previstos na Constituição.

A extensão do poder do Estado deveu-se a uma necessidade de defesa social contra o egoísmo dos grupos econômicos e contra a tendência autocrática dos grupos políticos. A oposição entre autocracia e a lei a qual é a essência do Es-

tado democrático, cria uma luta constante dentro da democracia.

A democracia enfrenta o conflito com a multiplicidade de partidos, com a temporariedade dos mandatos que dá rotatividade ao poder sempre tendente como todo o poder a se instalar oligarquicamente. O que vale dizer reconhece a existência política das minorias.

Por isso muito bem diz Frederico Heer que a democracia vive entre a crise e a crítica. Logo cabe ao povo os direitos de não conformismo, de oposição e também de tolerância. A democracia é o regime que tem o orgulho de ter a capacidade de sofrer riscos. Diz Heer que a democracia e o cristianismo têm intensas ligações. Numa e noutra, a luta como prêmio, como quer Unamuno, o grande filósofo espanhol, a autodisciplina, a auto-crítica, a responsabilidade de consciência face a si e aos outros, e como ponto comum por caminhos diversos a igualdade intrínseca dos homens por serem filhos de Deus ou por submissão à mesma lei.

Lei e Deus, aliás na metafísica, são conceitos contíguos, porque Deus na sua compreensão mais mesquinha é Lei embora como diz a filosofia hindu êle transcenda a todos os atributos concebíveis.

A relação democrática primordial entre o que Hamilton chama *the few e the Many*, são reguladas pelo voto que é a intervenção legal do cidadão no Estado.

A lei é o segundo estágio dessa relação uma vez que é promulgada pelos delegados do povo. Surge então o problema do sufrágio do povo pelo voto como dinâmica fundamental da democracia. É lógico

que o sufrágio deve ser universal porque quando se vota não se leva conhecimento intelectual e sim uma opinião alicerçada na vivência social. A opinião social é formulada pela visão dos problemas que afligem a comunidade, por uma consonância de propósitos, e por uma ajustagem automática dentro do indivíduo, tendendo a pensar uniformemente face ao meio social circundante.

A Inglaterra, contudo, a maior democracia do mundo, só em 1918 concedeu o direito geral de voto, como recompensa do sacrifício da guerra.

Sobre a substância da opinião pública, diz Heer, que "as idéias e os pensamentos e os conceitos políticos, valem tão-somente e somente podem ser mantidos quando estão em relação com alguma realidade social e política". É outro conceito de legitimidade democrática: a ajustagem da opinião à realidade nacional e sua possibilidade de acompanhar as mutações sociais e políticas impostas pela conjuntura, o que vai emprestar à democracia o seu aspecto altamente dinâmico. Isso não ocorre com os regimes totalitários onde as situações sociais e políticas são moldadas em laboratórios como realizações finais.

Para se ter uma opinião esclarecida e flexionada que acompanhe a conjuntura, há um instrumento da democracia de alta validade: a imprensa. Não pode haver democracia sem imprensa livre, máxime, em um povo como o nosso, cujo pequeno passado não lhe deu ainda aquela homofonia social de que nos fala Forel, isto é, uma convergência

ou semelhança de opinião pública sobre os grandes problemas da coletividade. O Império Britânico vive íntegro no coração de cada inglês, pela homofonia existente. Mesmo na Rússia dos Tzares, a mãezinha Rússia constituía um encontro homófono da raça russa.

A imprensa visa com a sua divulgação esclarecida e insistente criar uma homofonia provisória, que vai dar ao voto a grandeza democrática ou seja uma resposta a programas e não a indivíduos.

A homofonia será obtida a longo prazo, de 100 anos como opina Leibatz, pela educação que é o maior investimento nacional.

Até lá, a imprensa é força que contemporiza as deficiências do organismo, o grande dinamismo da democracia, o recurso presente e eficaz para a valorização do voto — a espinha dorsal da democracia.

Caros camaradas:

Fazendo esse retrato empírico da democracia quis cultuá-la como a melhor forma de governo. Há um termômetro para examinar, em grandes linhas, um regime: a sensibilidade dele de crescer por fora em grandeza material e crescer por dentro em grandeza espiritual. Ora, grandeza espiritual só pode ser obtida por aperfeiçoamento das células individuais — a pessoa humana cujo espírito irradia a coletividade a que serve, a luminosidade peculiar filha de sua experiência em setores específicos, o que implica em liberdade de fazer, de pensar, de errar, de refazer, de ajustar-se, de crescer, de agigantar-se por seu próprio ímpeto interno.

A grande ilusão do comunismo é atribuir-se a paternidade da justiça social que é, como vemos, um conceito de história, do qual vamos lhe fazer justiça, foi instrumento de valia. Despertou a consciência universal para o conceito e acelerou as tentativas débeis e localizadas em várias áreas democráticas.

A bandeira histórica não é de ninguém. É da humanidade, cujo espírito sente a sêde de integrar seus grupos de treinamento — família, grupos sociais — grupos nacionais, em conjuntos cada vez mais harmônicos.

A democracia é mais hábil de empunhá-la porque alicerça a sua grandeza na grandeza do indivíduo. Sobrevive aos assaltos porque o indivíduo não se alimenta do poder do Estado, ao qual ao contrário dá substância e continuidade como força formadora da opinião popular, que não pode ser inquinada de parcial, quando muito de mal informada, por não ser usufrutuária desse poder.

Caros camaradas:

Perigo de infiltração do comunismo nas Forças Armadas

- Diagnóstico negativo:
- Estrutura histórica
- Estrutura hierárquica
- Homofonia dentro do grupo

No quadro geral da democracia brasileira, cuja principal servidão é o baixo nível de educação do seu povo, falta de homofonia social, as classes armadas vêm desempenhan-

do o papel de um arcabouço histórico onde se fundiram a unidade da Pátria, a integridade do seu território e a garantia das instituições democráticas. Formada de homens do povo, identificados com o povo, tranqüilo e tolerante o "grande mudo" só se estremece para as grandes arrancadas cívicas como a de 31 de Março, quando minorias empoeiradas no poder tentaram violar a tradição, o pensamento e a vontade da maioria do povo brasileiro. Viveu assim mais uma vez um momento democrático.

Hoje, não é uma força de curatela do poder do Estado, mas é um princípio de vigilância, sempre alerta, fiel às responsabilidades expressas em seu papel constitucional.

Se a democracia reside no povo, o Exército pelo seu recrutamento, é um elemento armado do povo.

Homogeneizado pela disciplina e moral aceitas como idéias homófonas para o grupo Exército, acho muito difícil a infiltração da subversão como idéia-massa, dentro do seu organismo.

Pode haver correntes parasitas passeando pela sua superfície sem de leve perturbar a sua estrutura organizada em profundidade, com um lastro apreciável de história, de serviço à Pátria, de dedicação e de interesse à causa comum.

Finalizando, permitam-me repetir com Goods Peed no seu livro "Conspiração e Golpe de Estado: "Podemos consolar-nos com o pensamento de que até hoje nenhum golpe de estado derrubou uma democracia vigilante e praticante."